

VINICIUS DE MORAES: DO AMOR E OUTRAS MUTAÇÕES...

VINICIUS DE MORAES: ABOUT LOVE AND OTHER MUTATIONS...

André DIAS ¹

RESUMO: O presente artigo — que utiliza como sustentação teórica as ideias da Análise do Discurso inspiradas no pensamento de Mikhail Bakhtin — efetua uma análise da obra poética de Vinicius de Moraes, com especial atenção para as poesias de caráter amoroso, de temática social e, finalmente, de aspecto existencial. Ao desenvolver a referida análise, o trabalho procurou compreender como os temas elencados contribuíram para o estabelecimento de um legado literário aqui denominado de poética da mutação. Tal denominação foi utilizada, entre outras razões, em função da pluralidade de formas e assuntos abarcados pelo escritor carioca ao longo da sua produção artística.

PALAVRAS-CHAVE: Vinicius de Moraes; mutação; poesia amorosa; poesia social; poesia existencial.

¹ Professor Adjunto II do Departamento de Educação do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense — UFF — CEP 24210-201 — Niterói — RJ — Brasil — e-mail: andredias@id.uff.br

ABSTRACT: This article — which uses the ideas from Discourse Analysis inspired by Mikhail Bakhtin’s thought as theoretical support — implements an analysis of Vinícius de Moraes’s poetry, with special attention to poems with characteristics of romance, social issues and, finally, existential aspect. In carrying out this research, the observers aimed at comprehending how these themes contributed to the establishment of a literary legacy that may be called poetic mutation. This designation was used, among other reasons, because of the plurality of shapes and subjects embraced by the writer throughout his artistic production.

KEYWORDS: Vinicius de Moraes; Mutation; Romance; Social poetry; Existential poetry

— Toma, é seu, pode ler... A mocinha abriu o papel, entre surpresa e assustada, e começou a ler em voz baixa: “De tudo ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento. / Quero vivê-lo em cada vão momento / E em seu louvor hei de espalhar meu canto / E rir meu riso e derramar meu pranto / Ao seu pesar ou seu contentamento. / E assim, quando mais tarde me procure / Quem sabe a morte, angústia de quem vive / Quem sabe a solidão, fim de quem ama / Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure.” O ano era 1983, o mês era outubro, tinha eu 13 anos e começava a descobrir as coisas do amor. Dois dias antes, numa sexta-feira, durante o almoço, estava diante daquele prato que mais se assemelhava a uma montanha. A voracidade adolescente me fez mergulhar na comida como um esfomeado, depois da terceira ou quarta garfada, a comida foi ficando insossa, sem aquele sabor de alegria de sempre, na garganta um bolo e o estômago embrulhando. De repente, a mãe apressada passou pela cozinha e fez aquela exclamação fatal: —

come, menino! A comida está muito cara para estragar, aqui em casa não se desperdiça alimento porque ele é sagrado. Aterrorizado pela ideia de estragar comida — com tanta gente morrendo de fome no mundo, como minha mãe, sempre enfática, fazia questão de ressaltar — voltei a comer, porém, nada mais tinha sabor, era como se eu tivesse perdido o paladar. Junto com o “bolo” na barriga e a falta de apetite, vinha à mente a imagem da colega de escola. Até então uma moça sem importância, mas que, naquele momento, povoava meus pensamentos a ponto de me fazer perder a vontade de comer, e isso não era pouca coisa em se tratando da fome adolescente.

À noite, antes de dormir, contei para meu irmão o ocorrido. Afinal de contas, sendo ele o mais velho (ainda que fosse apenas três anos), talvez, pudesse me explicar o que estava acontecendo. Ao fim de minha história, ele não teve dúvida e vaticinou: — Você está apaixonado! Primeiro, fiquei um pouco aborrecido, por achar que o mano estava fazendo hora com minha cara, depois fiquei muito aborrecido com a ideia de que se apaixonar era perder a forme (logo eu que gostava tanto de comer, não poderia estar sofrendo desse mal...). Já estávamos prontos para dormir, quando meu irmão me veio com um livro surrado. Um dos que guardava com apreço especial, e me deu a “receita”: — Dê para ela o “Soneto de Fidelidade”, do Vinicius de Moraes, é infalível! Li atento o poema e, mesmo sem entender tudo, achei o máximo, pois me identificava com aquele negócio de “Mas que seja infinito enquanto dure”. Não tinha a menor noção de como comecei a sentir por minha colega aquilo que, até então, não sabia explicar. Contudo, a mim me parecia que tal sentimento duraria para sempre... Na segunda-feira, passei a aula inteira tomando coragem para entregar o papel com o poema. Ao final da aula, não aguentei mais, a folha manuscrita parecia queimar no bolso da camisa de tergal, só de imaginar mais um dia de apreensão sem conseguir me declarar. Entreguei e acompanhei sua leitura entre apreensivo e mortificado. A moça leu todo o poema. Notei que ela gostava do que lia. De repente sua expressão mudou, um misto de espanto e alegria ao ler o último verso e

ver a autoria: ANDRÉ DIAS. Ali mesmo começou nosso namoro. Durou a eternidade de uma semana, até eu ser trocado por outro menino, um craque de futebol da escola. Até hoje não gosto muito do esporte bretão...

Sempre que recordo essa história, fico a me perguntar como Vinicius reagiria se soubesse do “roubo” de seu poema? A julgar por sua fama de generoso e pela razão do “roubo”, tendo a supor, em minhas divagações, que ele até me deixaria acrescentar um “de” no “Soneto de fidelidade”, para assim virarmos parceiros. Entretanto, à parte o sonho do menino que insiste em viver em mim, uma coisa é fato: nenhum outro poeta em Língua Portuguesa, quem sabem em qualquer outra língua, soube unir tão bem erudição e apelo popular para decantar o amor como o fez Vinicius de Moraes. Dono de uma técnica invejável, o escritor percorreu o caminho da tradição formal do fazer poético, transformando-se, por exemplo, num excepcional sonetista, como revelam os versos: “[...] Este amor meu é como um rio; um rio / Noturno interminável e tardio / A deslizar macio pelo ermo / E que em seu curso sideral me leva / Iluminado de paixão na treva / Para o espaço sem fim de um mar sem termo” (MORAES, 1981, p. 318). Com um ritmo sinuoso, o “Soneto do amor como um rio” recorre à imagem do rio, que desliza, interminavelmente, para nos ajudar a compreender como a poética de Vinicius nos sugere uma percepção do amor muito particular. Em outras palavras, o trecho do soneto em questão demarca uma concepção de amor que, necessariamente, ilumina os indivíduos durante a caminhada pela noite escura em que a existência muitas vezes se converte. Ou seja, o amor e a paixão, quando no auge, são o espaço da suavidade e o momento de deleite na trajetória das vidas marcadas de modo invariável pela aridez das coisas do cotidiano.

Tributário da filosofia do movimento, que tem em Heráclito um dos seus pais fundadores, o amor em Vinicius nunca é estático, mas constituiu-se como algo em perpétuo movimento, portanto sempre em constante transformação. Muito próxima da consagrada imagem de que ninguém se banha no mesmo rio duas vezes, pois nem o rio é o mesmo, tampouco

o sujeito o é, disposta na sentença mais conhecida do filósofo Pré-Socrático, a poesia de Vinicius instala-se, assim, no lugar da mutação.

Mutação, aliás, poderia ser o outro nome de Vinicius de Moraes, pois está presente tanto nos aspectos concernentes à sua trajetória de vida, quanto no percurso de sua imensa obra. Do ponto de vista formal, a poesia do autor do “Soneto da fidelidade” assumiu diversos formatos, indo do soneto até a elegia — por exemplo, a “Elegia lírica” — passando pela balada — vide a “Balada feroz” — até chegar ao verso livre de poemas como “Ternura”. Já no âmbito da temática, a obra lírica de Vinicius de Moraes será sempre lembrada pelos incontornáveis poemas de amor, que alentaram e ainda alentam gerações de apaixonados. Nos mais diferentes círculos sociais e etários, sempre haverá um admirador a recitar versos esparsos, colhidos de suas antologias do coração: “Quem pagará o enterro e as flores / Se eu me morrer de amores? / Quem, dentre amigos, tão amigo / Para estar no caixão comigo?” (MORAES, 1981, p. 333) retirados de “A Hora íntima” serão respondidos com: “Se você quisesse!... até na morte eu ia / Descobrir poesia. / Te recitava as Pombas, tirava modinhas / Pra te adormecer. / Até um gurizinho, se você deixar / Eu dou pra você...” (Idem, p. 135), de “Amor nos três pavimentos”, que por sua vez serão completados por: “Ouve como o silêncio / Se fez de repente / Para o nosso amor / Horizontalmente... / Crê apenas no amor / E em nada mais / Cala; escuta o silêncio / Que nos fala / Mais intimamente; ouve / Sossegada / O amor que despeta / O silêncio... / Deixa as palavras à poesia...” (Idem, p. 328) , de “Duas canções de silêncio”. Seguramente, cada leitor terá a sua coleção particular de poemas de amor de Vinicius.

Sem dúvida alguma, a poesia amorosa de Vinicius é a mais amplamente conhecida dentro do seu universo literário. Há ainda pelo menos duas temáticas, caras ao poeta, que não têm recebido a atenção devida por parte significativa dos leitores e da crítica. São elas, respectivamente, as poesias de caráter social e aquelas com uma mirada existencial. Como em Vinicius de Moraes vida e obra se interpenetram com tamanha força, muitas vezes fica difícil desassociar a imagem do homem de mui-

tos amores da obra em que procurou apresentar sua versão do mundo em várias direções. Nesse sentido, é perfeitamente compreensível que o tema do amor tenha se transformado não apenas no grande cartão de visitas do poeta, mas na sua primeira identidade literária. Acredito, porém, que para captar a noção de mutação deixada em seu legado artístico, seja preciso ir além, de certa forma, da temática do amor em Vinicius.

Se não podemos dizer que Vinicius foi um artista engajado, no sentido estrito ou clássico da expressão, também não podemos afirmar que ele foi um escritor desinteressado ou até mesmo alienado em relação às questões candentes de sua vivência social e histórica. O poeta que escreveu versos lapidares como: “Pobres flores gonocócicas / Que à noite despetalais / As vossas pétalas tóxicas! / Pobre de vós, pensas, murchas / Orquídeas do despudor / [...] Enclausuradas sem fé, / Ah, jovens putas das tardes / O que vos aconteceu / Para assim envenenardes” (MORAES, 1981, p. 207) , de “Balada do Manguê”, reflete com rara sensibilidade sobre as condições de vida das prostitutas da Zona do Manguê. Sem abrir mão da excelência estética, Vinicius conduz o leitor pelo universo do meretrício sem a pretensão do olhar antropológico e resistindo às tentações sociológicas. Ele apresenta, no poema em análise, um painel muito significativo de uma questão social que, de modo geral, tende a ser abordada por um viés moralizante ou estereotipado sem, no entanto, capitular diante dessas possibilidades, que tanto agradariam ao gosto do senso comum. De maneira muito sensível, o poeta questiona tanto os antecedentes, quanto o destino das moças prostituídas no país.

Os horrores da Guerra também inquietaram o poeta e o compeliram à tarefa de, artisticamente, provocar seus leitores a uma reflexão mais profunda sobre as consequências tenebrosas impostas pelos regimes totalitários aos indivíduos. Vejamos os versos de “Balada dos mortos dos campos de concentração”: “A vós vos tiraram a casa / A vós vos tiraram o nome / Fostes marcados a brasa / Depois voz mataram de fome!” (MORAES, 1981, p. 227). O poeta do amor — com o perdão da rima pobre — também soube tematizar o horror, não para simplesmente estetizá-lo,

mas, sobretudo, para fazer pensar sobre os caminhos desumanos que a volúpia de alguns poucos pode conduzir a tantos. Além disso, ao incorporar o horror da Guerra a seu fazer poético, Vinicius reitera que a Arte se alimenta dos elementos mais diversos da vida, tantos os sublimes, quanto os absolutamente monstruosos. Pois, como bem nos advertiu o poeta: “Arte é afirmação de vida [...]. Afirmação de vida nesse sentido que a vida é a soma de todas as suas grandezas e podridões: um profundo silo onde se misturam alimentos e excrementos, e do qual o artista extrai a sua ração diária de energias, sonhos e perplexidades [...]” (MORAES, 1981, p. 679). Dito de outro modo, a Arte é um discurso sobre o real e, nesse sentido, tudo pode ser sua matéria.

“O operário em construção”, talvez, seja o poema de enfoque social mais conhecido de Vinicius de Moraes. Texto extenso e construído ao modo das composições modernistas de primeira hora — apesar de ser um poema de 1959 — que procuravam elidir os limites entre os gêneros literários, numa espécie de fusão entre a poesia e a prosa. Introduzido por uma epígrafe muito significativa, retirada do capítulo V do Evangelho de Lucas, (a passagem da tentação de Cristo), a obra põe em discussão, entre outros aspectos, as questões da alienação, da tomada de consciência, do lugar dos indivíduos no mundo e da necessidade imperiosa de manter a consciência limpa e ilibada diante da possível cooptação do capital:

Era ele que erguia casas
 Onde antes só havia chão.
 Como um pássaro sem asas
 Ele subia com as casas
 Que lhe brotavam da mão.
 Mas tudo desconhecia
 De sua grande missão:
 Não sabia, por exemplo
 Que a casa de um homem é um templo
 Um templo sem religião
 Como tampouco sabia
 Que a casa que ele fazia

Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.
(MORAES, 1981, p. 293)

O trecho em questão apresenta o operário alienado de sua condição e ofício. Sem a clareza de seu papel social, sem o entendimento do seu lugar no mundo e na sociedade, praticamente um autômato. O poema se desenrola e o leitor pode acompanhar os passos desse indivíduo, que paulatinamente abandona a condição maquinal, para tomar uma consciência mais ampla e deixar de ser apenas uma força de trabalho.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão —
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
(Idem, p. 294)

Como muitas das descobertas fundamentais da existência se dão a partir de experiências prosaicas, com o operário não foi diferente, do simples, porém simbólico ato de partir o pão deu-se a epifania que revolucionaria completamente sua compreensão do mundo e de si mesmo. Em outras palavras, o operário de Vinícius entende que as coisas não pairam no mundo, mas são fruto do suor de operários como ele, seus semelhantes, responsáveis pela construção de riquezas, quase sempre inatingíveis, a não ser para aqueles que dominam os meios de produção.

Construir um pensamento sólido, mas sempre em constante trans-

formação, como sabemos, dá trabalho, requer dedicação, além de invariavelmente gerar conflitos. De modo especial, aquele que ousa sair do lugar social e historicamente reservado para si sempre paga um alto tributo. A leitura de “O operário em construção” evidencia esse fato muito bem. Especialmente, quando a poesia é usada para nos confrontar com a “força da grana que ergue e destrói coisas belas” (VELOSO, 1978, f. 7) como bem nos advertiu Caetano Veloso na sua emblemática canção, “Sampa”.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção [...]
- Dar-te-ei todo esse poder [...]
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia [...]
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! — gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! — disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.
(Idem, p. 296 e 297)

O embate estabelecido na passagem apresentada expressa duas visões de mundo bastante distintas e que o poeta soube captar com muita propriedade em sua obra. De um lado, a imagem do capital, que em diversos momentos utiliza os mais variados expedientes para cooptar os

indivíduos. De outro, a figura do sujeito que não abre mão daquilo que lhe é mais caro, a sua consciência. Ao longo da leitura do texto, perceberemos o processo de tomada de consciência do operário e as implicações desse novo modo de olhar sua existência e o mundo ao redor.

Lido hoje, quando caminhamos a passos largos para a segunda década do século XXI, “O operário em construção” pode soar, numa avaliação apressada, como um texto excessivamente carregado na tinta maniqueísta. Todavia, é preciso lembrar que todo escritor é, antes de tudo, um homem do seu tempo, e Vinicius de Moraes o foi de modo pleno. Não podemos esquecer que esse é um texto publicado em 1959 no livro *Novos poemas*. O ano, do ponto de vista do cenário político, apontava para o fim do ciclo desenvolvimentista da era Juscelino Kubitschek, que se encerraria em 1961, deixando um legado de crescimento e populismo para o país. Apesar do empenho de JK na implantação do plano de metas do governo, que se pautava no crescimento da economia do país a partir da expansão industrial, isso não foi suficiente para mudar de modo substancial as condições de trabalho do operariado brasileiro. Muitos trabalhadores ainda se encontravam em situação bastante precária do ponto de vista das condições de realização das atividades laborais, sem contar o aspecto salarial. Diante do exposto, “O operário em construção” revela uma atualidade indiscutível, ao dar um protagonismo poético às questões sociais consagradas nos anos seguintes (especialmente a partir do Golpe Militar imposto em 1964), além, é claro, de inaugurar uma nova temática na produção artística do poeta.

Outro tema fundamental na poesia de Vinicius de Moraes é aquele ligado às questões existenciais. Diferentemente da temática social, incorporada à obra do poeta a partir da descoberta de um país cuja extensão extrapolava as fronteiras da Zona Sul da sua amada cidade do Rio de Janeiro, os textos de caráter existencial acompanharam a produção do escritor desde muito cedo. Os seus dois primeiros livros, respectivamente, *O caminho para a distância*, de 1933 e *Forma e exegese*, de 1935 já davam, de alguma maneira, notícias sobre as preocupações existenciais do

artista. Entretanto, é preciso dizer que as questões existenciais do jovem Vinicius eram mediadas por um espesso substrato católico, responsável pela formação inicial do escritor, que em praticamente nada se pareceria com o poeta maduro e popular que ele viria a se tornar. Aliás, do ponto de vista artístico, Vinicius de Moraes subverte a concepção de tempo cronológico, ao se configurar como o caso típico de um artista cujas primeiras obras poderiam facilmente ser atribuídas a um homem velho e conservador, enquanto as obras da maturidade estariam carregadas de intenso frescor juvenil. Já me explico: aos vinte anos o poeta publica seu livro de estreia, *O caminho para a distância*, que passado em revista é uma obra conservadora, carregada de uma devoção católica. Contrição e culpa são as palavras-chave para a compreensão da empreitada. Poemas como “O único caminho” expressam bem a questão apresentada:

No caos, no horror, no parado, eu vi o caminho que ninguém via
O caminho que só o homem de Deus pressente na treva.
Eu quis fugir da perdição dos outros caminhos
Mas eu cáí.
Eu não tinha como o homem de outrora a força da luta
Eu não matei quando devia matar
Eu cedi ao prazer e à luxúria da carne do mundo.
Eu vi que o caminho se ia afastando da minha vista
Se ia sumindo, ficando indeciso, desaparecendo.
Quis andar para a frente.
Mas o corpo cansado tombou ao beijo da última mulher que
[ficara.

(MORAES, 1981, p. 63).

Temos aqui um exemplo inequívoco do homem cindido, torturado entre a busca sincera pelas coisas do alto e, ao mesmo tempo, sequioso por dar vazão ao desejo, mola mestra fundamental na movimentação das trajetórias humanas. O conflito instaurado transita entre duas visões de mundo, em tese, excludentes. Uma ligada à razão religiosa, fundada na negação completa do desejo, como se esse fosse algo totalmente contrário às concepções do Deus criador de todas as coisas. Outra, vinculada

à diversidade de sentimentos presentes na vida concreta de homens e mulheres comuns, despojados da pretensão à santidade de uma existência etérea. Em um primeiro momento, parece óbvio que fé e desejo se excluem, especialmente quando mediados pelo diapasão da religião. Todavia, se partirmos do princípio cristão do Deus criador de todas as coisas, concluiremos que se Ele é o criador de tudo, neste tudo está contido, inclusive, o desejo, logo um não pode ou não deveria ser incompatível em relação ao outro.

Outro poema bastante significativo de *O Caminho para a distância* é “Inatingível”. Ainda marcado pela experiência católica, mas abordando de modo mais abrangente a questão existencial, o poema traz para o debate a angustiante questão do homem em busca de si mesmo.

O que sou eu, gritei um dia para o infinito
E o meu grito subiu, subiu sempre
Até se diluir na distância.
Um pássaro no alto planou voo
E mergulhou no espaço.
Eu segui porque tinha que seguir
Com as mãos na boca, em concha
Gritando para o infinito a minha dúvida.
(MORAES, 1981, p. 64)

Aqui temos um eu lírico ainda voltado para o céu, porém a noção de céu é ampliada, não se restringindo, necessariamente, ao lugar simbólico ocupado por Deus. Agora temos um céu mais ligado à ideia de infinito, algo de dimensões abissais em contraponto à estatura apequenada do ser humano diante da grandiosidade da vida. Mesmo consciente da sua baixa estatura diante do infinito, só resta ao homem continuar a caminhada diária sobre a face da terra em busca de si mesmo. Em última instância vê-se a busca por atribuir sentido à própria existência.

Forma e exegese (1935) marca o início ainda tímido, é verdade, da incorporação de novos motivos à poesia de Vinicius de Moraes. Ao lado da influência do Simbolismo francês e do apego ao círculo de intelectuais ca-

tólicos do Rio de Janeiro, a obra começa a introduzir alguns temas que acompanhariam o escritor ao longo de toda sua vida literária. “A volta da mulher morena” e “Ilha do Governador” exemplificam bem a questão, pois o primeiro poema insere o tema da mulher de carne e osso, portanto, tangível. Já o segundo, aborda a necessidade de repassar o cotidiano da adolescência na Ilha do Governador, como ponto de partida para uma reflexão mais profunda sobre os efeitos da passagem do tempo em sua existência.

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
E estão me despertando de noite.
Meus amigos, meus irmãos, cortai os lábios da mulher morena
Eles são maduros e úmidos e inquietos
E sabem tirar a volúpia de todos os frios.
Meus amigos, meus irmãos, e vós que amais a poesia da minha alma
Cortai os peitos da mulher morena
Que os peitos da mulher morena sufocam o meu sono [...]
(MORAES, 1981, p. 103)

A mulher morena cantada na poesia já não é mais uma abstração inatingível, ao contrário, ela é a materialização da pulsão do desejo que não se pode repressar. Contudo, o apelo principal do poema é, praticamente, um pedido de socorro não apenas para se ver livre de tamanha “tentação”, mas fundamentalmente para resistir ao inevitável apelo da mudança, que sempre traz consigo suas dores e delícias.

“Ilha do Governador” anuncia o elogio à memória, mas também já traz a angústia existencial do jovem com imensa dificuldade em conciliar o universo das amizades e amores juvenis do “distante” bairro e as novas amizades desenvolvidas fora do bucólico lugarejo. Mais do que a dificuldade em conciliar mundos e gentes diferentes, o poema apresenta a árdua tarefa de crescer e perceber como o mundo se amplia. A pergunta que se põe é: a ampliação do mundo, necessariamente, deve ser marcada pela ruptura com o passado?

Os olhos de Susana eram doces mas Eli tinha seios bonitos
Eu sofria junto de Suzana — ela era a contemplação das tardes
longas
Eli era o beijo ardente sobre a areia úmida.

[...]

Meus amigos se chamavam Mário e Quincas, eram humildes,
não sabiam
Com eles aprendi a rachar lenha e ir buscar conchas sonoras
no mar fundo
Comigo eles aprenderam a conquistar as jovens praianas tími-
das e risonhas.
[...]

Como não lembrar Susana e Eli?
Como esquecer os amigos pobres?
Eles são essa memória que é sempre sofrimento
Vêm da noite inquieta que agora me cobre.
São o olhar de Clara e o beijo de Carmem
São os novos amigos, os que roubaram luz e me trouxeram.
Como esquecer isso que foi a primeira angústia
Se o murmúrio do mar está sempre nos meus ouvidos
Se o barco que eu não via é a vida passando
Se o ei-ou dos pescadores é o gemido de angústia de todas as
noites?
(MORAES, 1981, p. 96 — 97).

O trecho selecionado expressa bem a trajetória do jovem apegado ao passado da descoberta dos primeiros amores, das amizades quase infantis em conflito com o presente marcado pelo alargamento dos círculos sociais. A inabilidade em equalizar os dois mundos, além de gerar culpa, marca uma das primeiras grandes experiências existenciais de todos os indivíduos em formação, a saber, a constatação de que o tempo, inevitavelmente, passa e queiramos ou não, ele sempre nos transforma de modo decisivo.

Ainda dentro da temática da passagem do tempo, daremos um grande salto temporal na obra de Vinícius de Moraes, para avaliar como a questão existencial se apresentou em parte da obra madura do poeta.

O texto a ser analisado é “Dialética”, publicado originalmente em *Para viver um grande amor*, livro de 1962, que reunia pela primeira vez composições em prosa e poesia. O ano de publicação do poema vai encontrar um Vinicius já consagrado como poeta, desfrutando de imenso prestígio entre os pares. Entre o grande público, o artista também já era muito festejado em decorrência do fundamental envolvimento com a Música Popular Brasileira. O escritor, juntamente com Tom Jobim e outros grandes nomes, ajudou a redesenhar a música nacional com a criação da Bossa Nova, movimento que abriu definitivamente as portas da música brasileira para o mercado internacional, revelando ao mundo o talento e a excelência do cancionero do país.

Segundo as palavras do próprio poeta, em nota feita na Advertência da primeira edição de *Para viver um grande amor*, os textos que compunham a obra foram concebidos “dentro da experiência do grande amor” (MORAES, 1994, p. 7). Portanto, podemos concluir que o livro foi composto sob o signo do amor, o que em Vinicius não, necessariamente, é sinônimo de ausência de conflito existencial. Vamos à “Dialética”:

É claro que a vida é boa
E a alegria, a única indizível emoção
É claro que te acho linda
Em ti bendigo o amor das coisas simples
É claro que te amo
E tenho tudo para ser feliz
Mas acontece que eu sou triste...
(MORAES, 1994, p. 183).

Se as condições de produção da obra tinham no amor a sua grande marca, nem por isso, ela estaria isenta de conflitos e complexidades. Aliás, o homem maduro, que já contava quarenta e nove anos quando da publicação desse poema, dava indícios efetivos de ter compreendido que a “A felicidade é como a pluma / Que o vento vai levando pelo ar / Voa tão leve / Mas tem a vida breve / Precisa que haja vento sem parar” (MORAES & JOBIM, 2005, p. 33). Em “Dialética” as questões existenciais não

passam mais pelo homem dividido entre uma fé mediada pela culpa, ou pelo sujeito em busca de si mesmo. Ao que parece, e os primeiros versos do poema evidenciam isso bem, não há mais dúvidas sobre a posse dos atributos necessários para atingir certo modelo de felicidade. O que agora traz inquietação é exatamente o fato de a despeito de tudo isso, ainda restar um descontentamento diante da vida. A mim, me parece que tal descontentamento, ao contrário do que se pode supor em uma análise apressada, seja fundamental para manter acesa a chama do desejo, espécie de guardião daquilo que não tem nome, mas mesmo assim, nos faz a todos efetivamente humanos.

Mutação, a meu ver, é a palavra que melhor define Vinicius de Moraes tanto no domínio da vida pública, quanto no campo da vida privada — muito embora, no caso do escritor, seja sempre difícil delimitar a linha que separa os dois universos. O poeta transitou com desenvoltura pelas agruras e alegrias da existência e nas palavras de seu biógrafo foi “um homem para quem o sofrimento era apenas um intervalo entre duas felicidades” (CASTELO, 1994, p. 430). Vinicius experimentou muitos ofícios e afetos! Em âmbito público, foi diplomata, poeta, cronista, autor de teatro, crítico e roteirista de cinema, compositor popular, criador de movimentos musicais seminais como a Bossa Nova e o Afro Samba. Na esfera da vida privada, o escritor fez amigos a perder de vista, casou nove vezes e amou incontáveis vezes... Mas aí, já é outra história...

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTELO, J. *O poeta da paixão: uma biografia*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MOARES, V. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

_____. *Para viver um grande amor*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

_____. *Livro de letras*. São Paulo: 2^a ed., Cia das Letras, 2005.

VELOSO, C. *Muito: dentro da estrela azulada*. São Paulo: PolyGram, 1978.

